

LIDERANÇA FEMININA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS¹

Maria Helena Rodrigues Melfior²
Andréa Nogueira dos Santos³

RESUMO

A liderança feminina nas igrejas ainda é um assunto pouco debatido e isso decorre, em parte, da herança cultural, pois no cristianismo, o destaque ministerial sempre foi dado aos homens e, em parte, pelo maior envolvimento da mulher nas tarefas domésticas. A mulher se dedicava à criação e educação dos filhos, pois até pouco tempo as famílias eram numerosas e os recursos financeiros, tanto para estudar e se aperfeiçoar quanto para a manutenção familiar, eram mais escassos. Com o passar do tempo, a mulher ganhou espaço na sociedade, inclusive no meio cristão, porém a atuação feminina em papéis de destaque não é algo recente. No contexto bíblico há referências marcantes acerca da atuação das mulheres em papéis de liderança. Atualmente, a maioria das igrejas evangélicas reconhece a importância do ministério feminino em diversas áreas. Na história das Assembleias de Deus, Frida Vingren é um referencial, embora a história dela ainda seja pouco conhecida. Percebe-se, no entanto, que o ministério feminino ainda apresenta grandes desafios, mas passo a passo as mulheres vão aprendendo a encontrar o seu lugar e a exercer seu papel no contexto cristão. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental este artigo se propõe a analisar as seguintes questões: o papel mulher no contexto bíblico; a importância da liderança feminina no meio evangélico e como essa liderança acontece hoje, especialmente na Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Joinville.

Palavras-chave: Igreja; liderança feminina; pentecostalismo; relações de poder; patriarcalismo.

INTRODUÇÃO

Diversos movimentos sociais exigem a destinação de vagas exclusivas para as mulheres em cargos de liderança, porque as mulheres querem independência, liberdade e compensação financeira. Empoderamento é o termo utilizado, inclusive pela ONU – Organização das Nações Unidas, para promover maior participação da mulher em posições de destaque na vida política, no mercado de trabalho, na televisão e até mesmo na ciência. Em vários países se erguem bandeiras que buscam promover tratamento igualitário entre homens

¹ Artigo Acadêmico apresentado como requisito para a conclusão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Refidim, adaptado para a Revista REPAS.

² Bacharel em Teologia pela Faculdade Refidim. Supervisora da UFADVILLE – União Feminina das Assembleias de Deus em Joinville (SC); 2ª Coordenadora da UEMADESCP – União das Esposas de Ministros das Assembleias de Deus de SC e Sudoeste do Paraná.

³ Mestra em Teologia pela Faculdades EST na linha de pesquisa de Leitura e ensino da Bíblia; graduação em Teologia pela Faculdade Refidim, especialização em Aconselhamento Cristão e Cuidado pela Faculdade Refidim, tecnóloga em Secretariado Executivo. É professora de Teologia e Coordenadora de Extensão na Faculdade Refidim.

e mulheres, como se inimigos fossem, revelando uma guerra sexista que torna a vida da mulher contemporânea difícil e complexa. Nesse contexto, em que posição deve ficar a mulher cristã e que modelo de liderança pode ser por ela exercido?

Não se desconhece o fato de que a liderança feminina no meio religioso ainda ser amplamente discutida, entendendo algumas denominações que esse papel não cabe às mulheres. No meio evangélico, embora as mulheres não exerçam o sacerdócio em sua amplitude, como pastorear uma igreja, denota-se certa liberdade para o exercício da liderança em alguns segmentos, como é o caso do louvor, do aconselhamento e do ensino teológico. Algumas mulheres evangélicas conquistaram reconhecimento nacional como pregadoras, escritoras e cantoras.

Na Bíblia, que é a Palavra de Deus, é possível encontrar orientação acerca das funções, do valor e da dignidade da mulher. O perdão divino no Éden, a atitude de Jesus Cristo e a proteção enviada dos céus na visão apocalíptica demonstram que as mulheres têm um papel importante nos planos de Deus.

Espelhando-se na mulher descrita em Provérbios 31 e no livro de Cantares de Salomão percebe-se que nas mãos das mulheres está a força da vida, a suavidade do amor e o encanto da sabedoria. Embora esses aspectos sejam inerentes à vida, pois são encontrados em toda a natureza, inclusive referenciado por Jesus no exemplo do grão de mostarda que, apesar de tão pequeno, rompe as barreiras que o impedem de germinar, eles são bem mais visíveis na mulher. Esses aspectos podem ser o diferencial da liderança feminina.

Pode-se dizer que uma mulher renovada olha o mundo com ternura e compaixão, ama com os que amam, sofre com os que sofrem e luta pelos menos favorecidos. Quando uma mulher se levanta impulsionada pela necessidade ou pelo amor nenhuma força, a não ser a morte, é capaz de demovê-la de seus propósitos.

1 A MULHER NO CONTEXTO BÍBLICO

Para melhor compreensão da figura feminina na história, é necessário lançar um olhar para os primórdios da raça humana, especificamente para a origem da mulher. A Bíblia afirma que a mulher foi formada a partir do homem.

E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne (Gn. 2.22-24).

Ao buscar no outro a parte que lhe falta, homem e mulher se completam numa união sagrada, descobrem a fonte da vida e se tornam participantes da obra divina. Eles continuam o processo de criação e perpetuação da humanidade, o oitavo dia, onde o ser humano prossegue como cocriador. Lembrando que ao ser humano foi dada a posse da Terra, pois “os céus são os céus do Senhor; mas a terra a deu aos filhos dos homens” (Sl 115.16), e que foi Adão quem nomeou toda criação (Gn 2.20).

Ao mencionar que homem e mulher formam “uma só carne”, a Bíblia demonstra que aos olhos de Deus não há distinção entre eles, e embora cada um tenha características específicas a fim de se completarem na missão terrena, ambos são iguais diante de Deus.

Adão e Eva eram participantes do mundo espiritual, interagiam com ele e, assim, a terra e tudo o que nela existia expressavam o pensamento divino. O casal era perfeito e estava perfeitamente encaixado nos planos divinos. No tempo devido receberia o fruto da árvore da vida e o do conhecimento do bem e do mal e se tornaria, pela luz divina, o senhor da terra e de si mesmo. Então sobreveio a queda, ambos foram enganados e o casal, expulso do jardim do Éden, perdeu a comunhão com os céus, deixou de refletir a imagem divina e, sozinho, teve que aprender a dominar a Terra.

Importante observar que o juízo de Deus recaiu individualmente sobre as três criaturas por Ele formadas, a serpente, o homem e a mulher, porque Ele é justo e a sua justiça, movida pela eterna compaixão, retribuiu a cada um segundo a sua parcela de culpa. A serpente foi amaldiçoada e junto com ela todos os animais. A mulher passou a sentir as dores da concepção - a tensão pré-menstrual, e do parto. “Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Gn 3.16). Em Adão toda a terra foi amaldiçoada e passou a produzir espinhos e cardos.

Uma análise mais profunda dessa questão permite concluir que a batalha da mulher teve início no Jardim do Éden quando Deus amaldiçoou a serpente e perdoou Eva. Foi à mulher que Deus prometeu um descendente que esmagaria a cabeça da serpente e desde então, enfurecida, ela declarou guerra contra todas as mulheres. A promessa de ferir a cabeça da serpente foi cumprida em Maria, pois Jesus não descende do homem já que foi gerado pelo Espírito Santo. Portanto, foi à uma mulher que Ele confiou a tarefa de gerar, criar e educar o filho dEle, o Deus tornado homem, o Salvador do mundo.

A partir daquele momento, Satanás declara guerra também contra todas as mulheres do mundo, como vingança maligna por causa do veredito do Jardim. Guerra por pisar e menosprezar mulheres em todas as terras onde o enganador exerce domínio. Ele também guerreia contra as mulheres em terras cristãs, dando continuidade a seu método usado no Éden de torcer a interpretação da Palavra de Deus, insinuando na mente dos homens por todas as épocas que se seguiram que Deus lançou uma

"maldição" sobre a mulher, quando, na verdade, ela foi perdoada e abençoada; e instigando os homens da raça caída a executar essa suposta maldição que era, na verdade, uma maldição contra quem enganou, e não contra quem foi enganada (Gn 3.14) (PENN-LEWIS, 2001, p. 21).

Na história de Israel, narrada no Antigo Testamento, ficaram registradas histórias de mulheres que transformaram a vida de um povo ou que deram novos rumos a uma geração. Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, pois ousou acolher em paz os espiões. Ana, em sua súplica alcançou graça diante de Deus e deu à luz Samuel, o homem que exerceu o papel de juiz e sacerdote do povo israelita. Abigail, com sua sabedoria e sutileza, não apenas livrou da morte toda a sua casa e seus servos, mas também se tornou a esposa do rei. Débora, líder, estrategista e conselheira foi a libertadora do povo hebreu em tempos de guerra contra os cananeus. Ester, sábia, humilde e temente a Deus, não teve medo de agir para salvar o seu povo. Rute, uma mulher íntegra que jamais abandonou seus votos sagrados, mantendo os laços familiares, foi contada na genealogia de Jesus (Mt 1.5).

No Novo Testamento, o evangelho de Lucas registra a existência da profetisa Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, a qual “não se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia” (Lc. 2:26-37), o que significa que as mulheres não eram proibidas de exercerem os serviços do templo.

Na visão apocalíptica (Ap 12.13-17), como vingança, o grande Dragão persegue a mulher mesmo depois de ter dado à luz o Filho do Homem, mas os Céus e a Terra se unem em defesa dela, ora escondendo-a, ora dando-lhe asas para fugir.

Sendo assim, poder-se-ia argumentar que a mulher é mais importante no plano divino, entretanto sabe-se que não é assim. Toda a discussão que vise alicerçar maior importância ao papel do homem ou da mulher na condução da vida terrena é desprovida de fundamento divino. A guerra sexista nada mais é que uma visão distorcida do propósito da criação, pois homem e mulher formam uma só carne diante de Deus.

A questão da liderança feminina, a capacidade de comunicação e persuasão das mulheres, não foi ignorada por Jesus em sua vida terrena, pois Ele sempre amou as mulheres, demonstrando profundo respeito por elas. Ele se insurgiu contra os costumes culturais que impunham tratamento diferenciado entre homem e mulher.

No poço de Jacó, ele se apresentou a uma mulher e por intermédio dela iniciou o seu ministério. Livrou outra do apedrejamento por causa do adultério, contra a vontade de seus discípulos recebeu o perfume do vaso de alabastro da mulher pecadora no momento de sua morte, lembrou-se de pedir que sua mãe fosse cuidada e amparada por um de seus discípulos e, após a ressurreição, revelou-se primeiramente à Maria Madalena. Nota-se que duas vezes

Jesus se utilizou das prerrogativas femininas para espalhar notícias a seu respeito: por intermédio da mulher samaritana a cidade de Samaria foi notificada de sua presença; por meio de Maria Madalena os discípulos ficaram sabendo de sua ressurreição.

Após a ascensão de Jesus, quando o cristianismo deu seus primeiros passos, as mulheres exerceram importante missão, tanto no acolhimento dos pobres, na organização das congregações quanto na manutenção financeira dos apóstolos. O livro dos Atos dos apóstolos menciona uma discípula chamada Dorcas, que ajudava as mulheres viúvas confeccionando-lhe roupas (At. 9:36-39). No capítulo dezesseis da carta aos Romanos, Paulo orienta que os crentes recebam “no Senhor como convém aos santos”, ou seja, sem distinção de sexo, cor ou raça, uma mulher chamada Febe, chamando-a de diaconisa, pois reconhece o importante papel por ela exercido na hospedagem de muitos, inclusive dele. Ele também menciona outras mulheres incansáveis que trabalharam em prol da expansão do evangelho.

Na carta enviada aos gálatas, Paulo assevera que em Cristo não existe diferenciação entre etnias, gênero ou cor.

Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; **não há macho nem fêmea**; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gl 3.26-28) (sem grifos no original).

Ele também enfatiza que “toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça” (1Co. 11:5), deixando claro que não há proibições às mulheres acerca do exercício de função ministerial de profetisa. Ele alerta que não se trata de uma guerra sexista, porque “nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor. Porque, como a mulher provém do homem, assim também o homem provém da mulher, mas tudo vem de Deus” (1Co 11.11,12).

A respeito das orientações paulinas acerca da mulher dirigidas aos coríntios e a Timóteo, é importante observar que ele tratava problemas e temas específicos conforme a realidade de cada congregação.

Malcolm (2003, p. 78) explica que a relação entre marido e mulher na sociedade grega era bastante superficial, razão pela qual as mulheres não tinham o costume de conversar em casa com seus maridos sobre assuntos religiosos e quando se reuniam na congregação importunavam o culto conversando com as amigas e fazendo perguntas aos maridos.

Quando Paulo escreveu 1Coríntios 14.34,35, as mulheres da época não deixaram de profetizar nas reuniões públicas. Parece que Paulo lhes estava ensinando a se comportar enquanto os *outros* falavam; ele não as estava proibindo de compartilhar. [...] Embora o Novo Testamento em geral use *laleó* para referir-se à fala comum, inclusive a pregação do evangelho, na literatura grega da época a palavra às vezes é empregada para designar fofoca ou falatório. *Laleó* é usada para os que conversam muito e não ouvem. [...] Paulo não estava tirando a liberdade de orar e profetizar

implícita em 1Coríntios 11.5, mas tratando dos excessos decorrentes dessa liberdade. Em nosso zelo pela lei, não devemos perder de vista em 1 Coríntios 14.34 o espírito da epístola, que expressa liberdade procurando corrigir da indisciplina. (MALCOLM, 2003, p. 76, 77).

Segundo Malcolm (2003, p. 77), a lei mencionada no versículo 34 não é uma lei judaica, mas grega e o tema tratado é a liberdade de expressão. “Por causa das leis greco-romanas contra os exercícios religiosos das mulheres, fica mais fácil perceber que o autocontrole, não o silêncio, é o tema dessa passagem”.

Nas admoestações feitas a Timóteo, Paulo deixa claro que a não permissão da mulher ensinar é uma orientação sua. Além disso, é necessário analisar o contexto histórico dessa passagem bíblica.

Em todo o mundo greco-romano, há indícios de grupos – alguns autodenominados cristãos – que misturavam adoração, ensinamento e imoralidade. Relacionados a esses diversos cultos e grupos cristãos desviados estavam as heresias que postulavam que as mulheres possuíam conhecimento intelectual e espiritual superior e prioridade na criação. Muitas dessas heresias insinuavam que Eva foi criada primeiro e depois deu vida e conhecimento a Adão. [...] Se Paulo está de fato reagindo às heresias “femininas”, suas afirmações sobre a criação fazem muito sentido. [...] Paulo deixa claro que Eva não tinha conhecimento superior, pelo contrário, ela mesma foi enganada e pecou. (MALCOLM, 2003, p.82).

Portanto, do ponto de vista sistêmico, pode-se afirmar que a Bíblia não é contrária à liderança feminina. As admoestações paulinas foram apropriadas ao contexto histórico da época e específicas aos problemas enfrentados pelas igrejas locais, portanto, precisam ser devidamente contextualizadas e vistas sob a libertação que o evangelho trouxe às mulheres.

2 MULHERES NO CONTEXTO DAS ADs

No contexto brasileiro, destaca-se Frida Vingren, que foi especialmente chamada por Deus para ser missionária no Brasil, e que juntamente com seu marido Gunnar tornou-se uma das fundadoras das Assembleias de Deus no Brasil.

Em 27 de maio de 1917, Frida foi ordenada missionária na Igreja Filadélfia de Estocolmo, para trabalhar no Brasil, principalmente, como *bibelkvinna* (antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas). (ARAÚJO, 2014, p. 32)

O site institucional da CPAD dedicado à memória dessa grande mulher destaca que ela era:

Missionária, Enfermeira, Jornalista, Musicista, Compositora, Poetisa, Articulista, Tradutora, amante de fotografia, Evangelista e dirigente de Igrejas, cheia do Espírito Santo. Frida, era uma prova de que Provérbios 31:30 refletia também a história de mulheres como ela. [...] Por meio de visões e revelações, Frida tinha a confirmação da chamada de Deus para trabalhar em sua obra. Com tanto desejo e sede por se envolver ainda mais no serviço cristão, a jovem moça decidiu começar a se preparar para ser enviada pela Evangeliska FosterlandsStiftelsens (Associação Evangélica da Pátria). Fez um curso de oito meses no Instituto Bíblico Sueco (Svenska BibelInstitute), mantido pela Associação Evangélica da Pátria. Seu amor pelas vidas

refletia até mesmo em sua profissão. Frida cursou enfermagem durante dois anos no Hospital de Vänersborg e cursou três meses numa Casa Infantil em Estocolmo. Com sua chamada missionária, seguiu trabalhando como chefe da seção de enfermaria no Hospital Sabbatsbergs, e dedicando-se também à arte fotográfica. (ARAUJO, 2014. <http://editoracpad.com.br/hotsites/frida/quem-e-frida.html>).

Destaca ainda o site que Frida tinha autoridade na pregação da palavra, assumia o cuidado da igreja nas ausências do marido e ainda publicava artigos em importantes jornais evangélicos da época.

Frida, assim como Miriã a irmã de Moisés e Arão, foi um modelo de liderança feminina digno de ser estudado e seguido pelas mulheres de hoje que atuam em ministérios femininos das igrejas locais, especialmente quando se olha a sociedade atual e se percebe que as mulheres vivem uma época de profunda transformação.

Antigamente, a mulher tinha um papel definido: ser esposa, mãe, conselheira e administradora do lar. Hoje não é mais assim. Diante de tantas dificuldades, tais como o abandono, a viuvez e a pobreza, a mulher teve que arregaçar as mangas e ir à luta. E nessa luta muitos outros problemas surgiram como o preconceito, a discriminação e a violência. A batalha tem sido árdua e os avanços comemorados, apesar de lentos.

Atualmente, existem leis que protegem as mulheres da violência doméstica, que lhes concedem o direito de cuidar de seus filhos logo após o nascimento, que reconhecem a sua importância e contribuição social. Há mais oportunidades de trabalho, mais acesso à educação além do direito de participar da vida pública, política e administrativa. Embora, de forma minoritária, a mulher exerce importante papel na condução de empresas, na definição de políticas públicas e na magistratura, e ainda mantém o papel de ser mãe, esposa e cuidadora.

A liderança feminina também ressurgiu no meio religioso e cada vez mais se veem mulheres atuando na área ministerial. E é importante que assim seja, pois somente as que assumiram profundo compromisso com Cristo podem auxiliar as outras a fazer essa importante travessia cultural, porque, paralelamente a tantas conquistas, a mulher se envolveu numa batalha ferrenha de sexo, dinheiro e poder. Surgiu o endeusamento do corpo, antes recatado e reservado para a intimidade conjugal, e um empobrecimento da vida moral e afetiva. Na luta pela igualdade a mulher sacrificou outros bens, perdeu a alegria do companheirismo, o prazer da maternidade, e o fascínio de ver o crescimento dos filhos passo a passo.

Essa transformação do papel da mulher resulta em angústia e insegurança, os homens não sabem como relacionar-se com essa nova mulher, e elas não têm certeza do seu lugar, se em casa, se no mercado de trabalho ou se em tarefas sociais. Se escolher ficar em casa, tem a sensação de que os outros esperam que trabalhe fora e vice-versa. A postura da liderança

evangélica não deve ser radical, exigindo que a mulher permaneça em casa para cuidar dos filhos como se fazia antigamente, mas ajudá-la a libertar-se da culpa e ser feliz na posição que escolher ou que a necessidade a levar. Não se deve esquecer que muitas mulheres são o esteio da família. O evangelho deve proporcionar liberdade, nunca escravidão!

Deve-se considerar que na cultura brasileira, os ideais feministas não são tão evidentes quanto foram nos Estados Unidos em décadas passadas, razão pela qual alguns livros de escritoras americanas que combatem essa prática não se adéquam ao padrão brasileiro.

Portanto, longe de defender posturas radicais, como a proibição do ensino feminino ou a idealização do lar perfeito onde a mulher se realiza e venera o marido muito mais do que a Cristo, deve-se encontrar um ponto de equilíbrio. Um ponto em que às mulheres seja oferecido apenas Cristo, o caminho, a verdade e a vida. Cristo, em sua totalidade, em sua perfeita compreensão de amor ao próximo, de serviço e de comunhão.

Nas igrejas evangélicas não se oferecem campanhas feministas libertárias, mas a forma mais sublime de amor que envolve, transforma e modifica toda a compreensão da vida. O respeito, a dignidade, o reconhecimento tão almejado pelas mulheres está na profundidade do amor de Cristo. Nesse amor tudo se transforma e se reorganiza, porque a mudança ocorre de dentro para fora. A liberdade prometida por Jesus Cristo é interior, acontece na alma e no espírito, é uma renovação do entendimento que recoloca homens e mulheres lado a lado no propósito divino, sem competições nem sexismos.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville - IEADJO, embora não tenha consagrado mulheres pastoras dando-lhes a responsabilidade sobre administração de igrejas, reconhece o ministério feminino em diversas áreas, tais como louvor, discipulado, aconselhamento, pregação e ensino da doutrina cristã. As mulheres têm liberdade de exercerem a vocação para a qual foram chamadas, como louvor e pregação, e de realizarem eventos específicos para o crescimento espiritual feminino, a exemplo dos encontros semanais dos círculos de oração, dos retiros anuais, das conferências exclusivas para mulheres e dos chás que objetivam o evangelismo. A realização desses eventos exige liderança, recursos financeiros e divulgação, embora seja um subcampo da liderança masculina na distribuição de poderes. Entretanto, é necessário tomar cuidado para esses eventos não se tornarem ativismos, como alerta Campanhã:

A cada dia que passa os eventos ocupam uma parte considerável da agenda dos líderes. Tanto a participação em eventos como a realização de eventos tendem, com o tempo, a se tornar ativismo. Quando isso acontece, perdem-se os objetivos dos eventos e da própria organização. Não significa, porém, que uma organização não deva realizá-los (CAMPANHÁ, 2009, p.143).

Em Joinville, o ministério feminino é coordenado pela União Feminina da Assembleia de Deus de Joinville – UFADVILLE, que é responsável pela organização dos eventos gerais e pela formulação de diretrizes de funcionamento. Atualmente a estrutura da UFADVILLE comporta dez pessoas que exercem a função de coordenação, secretaria, tesouraria, regência de louvor e relações-públicas, cada função é exercida por duas pessoas. O ministério feminino envolve as atividades dos Círculos de Oração em todas as congregações, organização de chás, pré-congressos nas congregações e congresso geral no templo sede, conferências femininas e retiro espiritual.

A UFADVILLE se reúne mensalmente com todas as esposas de pastores integrados à IADJO, integrados são os que atuam exclusivamente como pastores e são filiados à CEADDESCP - Convenção Estadual da Assembleia de Deus de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, para orientar o ministério feminino nas congregações, especialmente na realização dos eventos mencionados anteriormente.

3 ASPECTOS DA LIDERANÇA FEMININA EVANGÉLICA

A literatura que trata da liderança feminina normalmente traça os desafios da mulher no mercado de trabalho como empreendedora ou executiva de grandes corporações. Porém, no meio evangélico os aspectos são bem diferentes e a esse respeito pouca literatura existe. Assim, os comentários que seguem têm como base a experiência pessoal acerca do desafio de liderar mulheres no meio cristão.

“Liderança é a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir aos objetivos identificados como sendo para o bem comum” (HUNTER 2004, p. 25). A partir desse conceito podem-se analisar alguns dos desafios da liderança feminina evangélica e o primeiro deles diz respeito ao objetivo, pois se na organização empresarial o objetivo é o desenvolvimento econômico, no meio evangélico é cuidar de pessoas, de seu desenvolvimento individual, familiar e social de acordo com os princípios cristãos. Todos os eventos são realizados com esta motivação: cumprir a missão dada por Jesus: “ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc.16:15).

O líder faz com que as pessoas fiquem empolgadas com a visão de Deus. Esta é a motivação substantiva, não a motivação superficial tipo “hoje para cima e amanhã para baixo”, que advém do bombeamento do amor próprio das pessoas ou que exalta sonhos de grandeza unidimensionais, aos quais o indivíduo aspira de modo irrealista. Líderes habilitam as pessoas a serem genuinamente inspiradas pela única coisa que vale a pena levantar-se da cama todas as manhãs: vidas dedicadas a cumprir o propósito inigualável e vantajoso que Deus tem para nós. (BARNA, 2004, p. 7).

Se a intenção da igreja é oferecer Cristo, a liderança deve se basear nos passos dele, nos métodos dele e, acima de tudo, exercer a compaixão, de coração aberto e sem preconceitos. Jesus não olhava para a aparência das pessoas, e sim para seus corações, pois via não apenas o exterior, mas o interior, a potencialidade de cada um/a.

Jesus Cristo, no início do seu ministério, deixou muito claro a sua missão, ao ler a passagem de Isaías:

O espírito do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes; a ordenar acerca dos tristes de Sião que se lhes dê glória em vez de cinza, óleo de gozo em vez de tristeza, vestes de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantações do Senhor, para que ele seja glorificado (Is 61.1-3).

Toda a vida dele foi pautada nessa missão, Ele se compadeceu da humanidade, ensinou princípios e valores eternos de liberdade, chamou, preparou e enviou discípulos “a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir” (Lc 10:1).

A tática de Jesus permitiu que os doze homens que andaram com ele desfrutando diuturnamente de sua companhia aprendessem não apenas pelo ensino, mas também pelo exemplo de seu mestre. Por meio da prática eles assimilaram e difundiram a fé cristã pelo mundo inteiro, não eram doutores da lei, mas aprenderam com Jesus e eram simples pescadores que nada tinham a oferecer a não ser o exemplo do amor e a força viva do evangelho que transforma o ser humano em sua totalidade.

No entanto, a líder cristã não visa apenas atingir o objetivo de anunciar o evangelho, mas também o de cuidar daquelas que já estão integradas ao ministério, mas também cuidar de seus integrantes, pois estes precisam ser encorajados e corretamente equipados para trilhar a jornada de forma segura e firme. E, assim, surge outro desafio que diz respeito à formação de equipes de trabalho.

Numa organização empresarial a executiva tem a possibilidade de selecionar pessoas altamente capacitadas para o desempenho de determinadas atribuições e as que não se integram são demitidas. No meio evangélico a seleção acontece conforme o chamado e a disponibilidade de cada uma em servir, portanto, não é incomum ter-se numa mesma equipe mulheres de diferentes temperamentos, em estágios diferentes de crescimento espiritual e que atuam de modos diversos, tendo a líder que administrar tais personalidades em torno de um objetivo comum.

É improvável que um grupo obtenha sucesso em cumprir a visão de Deus sem permitir que as pessoas trabalhem eficazmente juntas. Para que ocorra tal unidade e cooperação, alguém tem de identificar e procurar pessoas apropriadas, determinar os

talentos e habilidades, uni-las em unidades de trabalho complementares e fornecer energia emocional que as mantem em operação. (BARNA, 2004, p. 45).

Nesse aspecto, a liderança também deve se inspirar em Jesus, pois Ele conhecia a índole de cada um dos seus discípulos e não os repudiava, pelo contrário, ensinava-os, buscando trazê-los para a sua visão e missão. Um grande exemplo dessa postura foi o comportamento do Mestre quando Tiago e João, por intermédio da mãe, pediram os dois lugares de honra no seu reino. Pacientemente Jesus os confrontou:

Podem vocês beber o cálice que eu vou beber? Podemos, responderam eles. Jesus lhes disse: Certamente vocês beberão do meu cálice; mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados por meu Pai. (Mt 20. 22-23).

Diante da indignação dos demais discípulos, Jesus os chama para junto de si e explica que para tornar-se importante é preciso, antes de tudo, ser um servo. E Ele não apenas ensinou por meio da retórica, mas especialmente por meio do exemplo, porque sua intenção era formar discípulos e não apenas seguidores. “A grande diferença entre você fazer um sucessor e fazer um discípulo está no fator tempo. Você faz o sucessor quando está para deixar uma posição, mas o discípulo, você pode começar a formar desde o dia em que assume uma nova função”. (CAMPANHÃ, 2009, p. 49).

E da mesma maneira que os líderes precisam de educação e treinamento para alcançar seu impacto máximo, assim os seguidores precisam de ajuda para cumprir seu potencial. Líderes não podem fazer cumprir a visão de Deus por conta própria. Eles ganham terreno somente pela sociedade com um elenco de apoio. Investir nesse “elenco” é uma das funções críticas do líder. (BARNA, 2004, p. 113).

Jesus, como primogênito de Deus, serve de exemplo a todos os homens e, portanto, sua estatura de varão perfeito é o alvo da vida cristã, a meta do cristão é alcançar a mente de Cristo, “até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef. 4:13).

Para ser conformado à imagem e similitude de Jesus, o cristão e, especialmente os líderes, devem observar as qualidades que se sobressaem de seu caráter, tais como a humildade, a longanimidade, a tolerância, a integridade e a retidão.

O caráter importa. A palavra caráter é derivada de um termo grego que diz respeito a talhar, insinuando que caráter é a soma das marcas indeléveis impressas em você, as quais formam seus pensamentos e comportamentos. Caráter é sua substância interior – o conteúdo do seu coração que é manifestado pelo comportamento e valores. Em outras palavras, caráter é o que você é quando ninguém está olhando. O verdadeiro você. (BARNA, 2004, p. 91).

Todavia, essas virtudes cristãs não nascem da noite para o dia, elas são desenvolvidas ao longo da jornada, e não apenas os liderados aprendem com o líder, também o líder aprende, porque na jornada cristã, todos são aprendizes.

Na conversão se recebe a semente de um novo homem que contém de forma latente

todas as virtudes de Cristo, mas para que possam germinar devem ser regadas, cuidadas e protegidas. As intempéries são os agentes fortalecedores dessas virtudes, são elas que, dia após dia, conduzem à perfeição do caráter.

Assim, o líder deve ser entusiasta ao repassar suas ideias e projetos e também deve ouvir as ideias dos liderados, sempre olhando para os resultados que precisa alcançar, de modo a manter a constância do serviço cristão. “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor” (1Co 15.58).

Por outro lado, a líder cristã não pode desprezar as mulheres que se apresentam frágeis e inseguras, nem dar maior valor às mais ousadas e corajosas, porque de acordo com o modelo do Mestre é necessário acolher todas com amor, paciência e tolerância, ainda que às vezes seja necessário confrontar atitudes para construir novas bases ou esperar o tempo necessário para que um impasse seja resolvido. Na teoria parece fácil, mas na prática não é.

Aqui valem as regras de ouro de Carnegie (2003), sobre liderança:

22. Comece por um elogio e por uma apreciação sincera. 23. Chame atenção para os erros das outras pessoas de uma maneira indireta. 24. Fale sobre os seus erros antes de criticar os das outras pessoas. 25. Faça perguntas ao invés de dar ordens diretas. 26. Permita que a outra pessoa salve seu próprio prestígio. 27. Elogie o menor progresso e elogie todo o progresso. Seja “sincero na sua apreciação e pródigo no seu elogio”. 28. Proporcione a outra pessoa uma boa reputação para ela zelar. 29. Empregue o incentivo. Torne as faltas fáceis de corrigir. 30. Faça a outra pessoa sentir-se feliz realizando aquilo que você sugere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que nos últimos anos as mulheres têm desempenhado importante papel ministerial nas igrejas evangélicas, o que já é um grande avanço, pois historicamente às mulheres não era permitido atuar em posições de liderança. Vagarosamente as mulheres conquistaram espaço e demonstraram a importância do ministério feminino nas diversas áreas de uma igreja como é o caso do aconselhamento e do ensino focado nas necessidades das mulheres, sem que isso interfira na condução pastoral da igreja, pelo contrário serve de auxílio.

Porém, a atuação feminina ainda é tímida. Há muitos outros segmentos em que é necessário que a mulher cristã se levante como um oásis, ministrando a palavra viva do evangelho, especialmente nestes tempos difíceis em que vive a sociedade, bem como assume lugares de liderança com visibilidade e voz ativa.

A mulher cristã pode atuar na área de ensino para promover o conhecimento e a prática dos valores cristãos. Nesse segmento é possível formar escritoras, palestrantes, apresentadoras de programas de rádio e televisão. Outro segmento importante onde há muito espaço para a mulher cristã é na área do cuidado que vise o evangelismo, e nesse campo deve-se ter uma visão abrangente, pois não apenas a mulher carente precisa de Cristo, mas também a profissional liberal, a empresária, a médica, a juíza, enfim todas as mulheres. Por cuidado se quer fazer referência a realização de atuações direcionadas para determinada situação, como exemplo um encontro semanal para mulheres que vivem o luto, que perderam entes queridos e precisam levar a vida adiante, as que enfrentam problemas de saúde, como o câncer de mama. Enfim, há muito que fazer.

Olhando para a Bíblia se percebe que os homens e mulheres chamados por Deus eram pessoas simples de coração, mas que conheciam as leis de seu tempo. Moisés, quando chamado por Jeová, conhecia a lei egípcia que foi o berço da religião antiga, posto que educado como filho de Faraó. Paulo, chamado por Cristo no caminho de Damasco, conhecia toda a lei judaica e também a grega, e mesmo assim, depois de sua conversão dedicou três anos de sua vida para estudar e formar as novas bases do cristianismo. Ester era rainha, sendo possível deduzir-se que tinha conhecimento da cultura de sua época.

Nota-se que essas pessoas que se tornaram líderes tinham algo em comum: a simplicidade, que é um dos princípios da sabedoria, bem como fundamentadas numa educação formal. Assim, na liderança, além da dependência de Deus através do Espírito Santo, a humildade e o conhecimento são características importantes.

A humildade aqui referenciada não é a usada pelo senso comum como sinônimo de poucos recursos ou de falta de conhecimento. A humildade do líder é aquela demonstrada por Jesus que aceitou deixar sua glória para redimir a humanidade, esvaziou-se para depender exclusivamente da direção do Pai. É essa humildade que o líder precisa conhecer, pois é ela que proporciona a verdadeira sabedoria.

Temos de aprender de Jesus, que é manso e humilde de coração. Ele nos ensina onde a verdadeira humildade tem origem e acha sua força: no conhecimento de que é Deus quem opera tudo em todos, que nosso dever é render-nos a Ele em perfeita resignação e dependência, em pleno consentimento de não ser e não fazer nada por nós mesmos. (MURRAY, 2001, p. 20).

Para um melhor desempenho da liderança é necessário conhecer a realidade do meio em que se vive o que inclui os valores cristãos, as regras da igreja, o estudo da palavra e o aperfeiçoamento da vocação. Esse conhecimento pode ser adquirido por meio de cursos de liderança e formação teológica.

O líder cristão genuíno tem a tenacidade, a perseverança e a resiliência para vencer os obstáculos, a fadiga, o desânimo e outras pedras de tropeço, assim como a capacidade de transformar essas mesmas pedras de tropeço em degraus e oportunidades para glória de Deus (ORR, 2001, p. 61).

De tudo o que foi exposto, conclui-se que o maior desafio da liderança feminina cristã é capacitar as mulheres a fim de que atinjam certo grau de conhecimento e maturidade para atuar nesses segmentos e se colocarem em igualdade, sem sexismos, como Jesus e Paulo enfatizaram.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BARNA, George. **Desperte o líder que há em você**. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- BÍBLIA SAGRADA. Versão Revista e Corrigida. Tradução de João Ferreira de Almeida.
- DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- MORAES, Isael Araujo de. **Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa do Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- Murray, Andrew. **Humildade, a Beleza da Santidade**. 1ª ed. Série Riquezas de Cristo. CCC Edições, 2001.
- CARNEGIE, Dale. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. 52ª ed. Editora Nacional, 2003.
- CAMPANHÃ, Josué. **50 segredos para o líder**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- HUNTER, James C. **O Monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2004.
- ORR, Roberto A. **Liderança que Realiza**. 5ª ed. AME Menor, 2001.